



A FUNÇÃO DO ESTILO EM DELEUZE E GUATTARI

MÁRCIO MARQUES DE CARVALHO¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar a hipótese de que a experimentação de estilo na obra conjunta de Deleuze e Guattari, notadamente em *Mil Platôs* e em trechos de *O Anti Édipo*, visa impulsionar o pensamento a dinâmicas inusuais. Pela sinergia entre conceitos, afectos e perceptos, os autores integram os códigos da razão a fluxos sensíveis. Apresentam assim uma abordagem mais integral do pensamento, não limitada à reconhecimento e desvincilhada da imagem dogmática do pensamento. Desde um paradigma ético-estético, Deleuze e Guattari extrapolam enquadramentos ideológicos que restringem o pensamento ao racionalismo. Apresentam cadeias heteróclitas por sintaxes incomuns para torcer a língua e tornar sensível a dinâmica dos devires. Em um fluxo rizomático, através de entimemas, buscam abordar o indiscernível. Instaurando um modo de leitura pela intensidade, conduzem o pensamento a aventurar-se por domínios alheios à razão. Mais do que usar recursos de linguagens, trata-se propriamente de promover o experimentalismo no próprio pensamento.

PALAVRAS-CHAVE: Estilo, Leitura por intensidade; Torção da língua; Pensamento rizomático.

ABSTRACT: This paper aims to present the hypothesis that the experimentation with style in the work of Deleuze and Guattari, notably in *A Thousand Plateaus* and in passages from *Anti-Oedipus*, aims to propel thought into unusual dynamics. Through the synergy between concepts, affects and percepts, the authors integrate the codes of reason with sensitive flows. They present an integral approach of thought, not limited to recognition and detached from the dogmatic image of thought. From an aesthetic-ethical paradigm, Deleuze and Guattari extrapolate ideological frameworks that restrict thought to rationalism. They present heteroclite chains using unusual syntaxes to twist language and make the dynamics of becoming sensible. In a rhizomatic flow, through enthymemes, they approach the indiscernible. Establishing a way of reading by intensity, they lead thought to venture into domains beyond reason. More than style experimentalism, the goal is to promote experimentalism in thought itself.

KEYWORDS: Style, Reading by intensity; Twisting language; Rhizomatic thinking.

O estilo do pensamento experimental de Deleuze e Guattari

No prefácio que fez para *O Anti-Édipo*, Michel Foucault sugere que a melhor maneira de aborda-lo é como arte. Possivelmente porque o texto, que desviava explicitamente do que na época se estabelecia como o modo certo de pensar, a maneira correta de discursar, a forma adequada de proceder intelectualmente, poderia ser recebido com estranhamento, se não com

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 33009015. E-mail: mmcarvalho@unifesp.br.

rechaço. Foucault parecia pretender emprestar ao texto filosófico a liberdade do experimentalismo já plenamente legitimado no campo da arte pelo menos desde as vanguardas modernas do início do século XX. Alertava: não se trata de uma teoria tranquilizadamente totalizante, mas de uma profusão de novas noções e conceitos-surpresa. Foucault preparava o leitor para abrir-se a um pensamento que defende declaradamente o experimentalismo. Deleuze e Guattari afirmam: “A esquizoanálise ou a pragmática não tem outro sentido: faça rizoma, mas você não sabe com o quê você pode fazer rizoma, que haste subterrânea irá efetivamente fazer rizoma, ou fazer devir, fazer população no teu deserto. Experimente” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.36). Nos textos de Deleuze e Guattari, tanto a linguagem quanto o pensamento ilustram este experimentalismo. Pode-se tomar como um primeiro exemplo a frase “Animal e planta, a grama é o capim-pé-de-galinha” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.15), em que encontram um modo inusual, mais poético do que racional, para expressar um pensamento também incomum, que não se limita à organização usual das categorias animal e vegetal, mas enuncia um devir inter-espécies.

James Williams (2013) reconhece este experimentalismo deliberado não apenas em Deleuze e Guattari, mas como uma característica da geração pós-estruturalista, um uso estratégico do exercício de estilo enquanto alternativa ao racionalismo universal. Uma influência da arte, tão adversa a métodos padronizados de interpretação e pronta a considerar diferentes sentidos de valor. Influência que levou os pós-estruturalistas a serem acusados de adotar posições inconsistentes, quase insustentáveis, e de fazê-lo de modo propositalmente extravagante, como uma afronta declarada aos valores e modelos predominantes (*Ibidem* p. 13; 31- 37; 216). No entanto, uma análise menos reativa e menos superficial mostra que não se trata de desdenhar o conhecimento vigente, mas sim de assumir a influência efetiva do que lhe escapa. Não se trata de negar o racionalismo, mas de integrar a razão a uma conjuntura mais ampla e dinâmica, em que se consideram também outros modos de pensamento. Trata-se de abordar o conhecimento a partir de suas margens, de onde é capaz de vislumbrar a diferença radical daquilo que se desconhece (*Ibidem* p. 15-17). Se o pensamento já foi considerado uma extensão do uso da razão, volta-se agora para as bordas externas das formas de conhecimento (*Ibidem* p.217).

Acerca da razão, Deleuze e Guattari não deixam de apontar sua presunção. Afirmam que a razão não passa de um conceito, que embora muito útil é ainda assim insuficiente para dar conta da infinidade de movimentos que percorre o plano de imanência (DELEUZE; GUATTARI, 2010 p.54). “Precisamente porque o plano de imanência é pré-filosófico, e já não

opera com conceitos, ele implica uma espécie de experimentação tateante, e seu traçado recorre a meios pouco confessáveis, pouco racionais e razoáveis" (*Ibidem*, p. 52). O plano de imanência, condição interna da filosofia, é o não pensado no pensamento, aquilo em cuja direção o pensamento se volta, mas que a razão não alcança; origem da compreensão não conceitual a que se remetem os conceitos (*ibidem*, p. 50 -51, 73).

Deleuze e Guattari indicam também a limitação da lógica, que ao restringir o pensamento a um conjunto de postulados o submete às coerções de uma reconhecimento do verdadeiro na proposição (*Ibidem*, p.166). Cabe aqui uma ressalva: não se trata de negar a razão ou a lógica, mas sim de integrá-las a contextos mais amplos. Trata-se de resguardar ao pensamento sua potência máxima - sua relação com o devir. Arrancar o pensamento do domínio do razoável para lançá-lo para fora de seus círculos viciosos, impulsioná-lo a vislumbrar o impensável. Deleuze e Guattari (*Ibidem*, p.165) afirmam que "de todos os movimentos, mesmo finitos, do pensamento, a forma da reconhecimento é certamente a que vai o menos longe, a mais pobre e a mais infantil."

Conforme mencionado por Daniel Smith (1996, p.30-35), a reconhecimento não mobiliza a inteligência. A mente permanece tranquilamente passiva, todas as faculdades (sensibilidade, imaginação, memória, entendimento, razão) reconhecem no objeto não mais do que uma pressuposição estabelecida pelo senso comum. Mas quando a percepção não pode reduzir as sensações a identidades prévias, a concordância entre as faculdades entra em desequilíbrio e a atenção se revitaliza. O pensamento se engaja então na atualidade de um encontro intensivo com um acontecimento que desencadeia a indagação e a investigação. Este encontro fundamental atua como signo de uma intensidade perceptível como assimetria de relações diferenciais ainda não reconhecida como qualidade.

Desde um campo intensivo, pré-existente a todo extenso e a qualquer qualidade, diferenças em intensidade formam relações recíprocas, sob o efeito de um diferenciador chamado por Deleuze de precursor sombrio, por ser ainda insensível, dado que antecede às qualificações que dividirão os polos relacionais. É desde este campo inextenso e informal que diferenças de intensidade se determinam reciprocamente, como dinamismos de um drama, formando uma ideia, isto é, um conjunto de relações ainda destituídas de forma sensível e de função, uma multiplicidade virtual. Quando uma relação diferencial se individua em qualidades separadas, por qualificação e partição, singularidades concomitantes emergem e se atualiza uma ideia (DELEUZE, 2006).

Mais próximas de acidentes contingenciais do que de essências abstratas, as ideias são melhor abordadas por perguntas como *quando?*, *quanto?*, *onde?*, *como?*, *quem?* do que pela intenção sintetizante, generalizante e pretensamente conclusiva da pergunta *o que é?*. Este método de dramatização aborda as ideias pelos dinamismos sub-representativos que promovem a individuação de suas diferenças (*Ibidem*, p. 131).

O conjunto de perguntas que Deleuze propõe no método de dramatização busca atentar a uma multiplicidade em funcionamento, um conjunto de relações antes que a uma unidade significativa pronta para a representação. Posterga-se assim a conclusão que a reconhecimento convocaria de imediato.

Toda ideia tem dois lados dissimétricos, uma face virtual constituída por relações diferenciais e singularidades concomitantes e uma face atual cujas partes encarnam estas singularidades e cujas qualidades encarnam estas relações. Neste sentido a ideia não é clara e distinta, mas distinta e obscura, porque conserva em si uma zona de indiferença. Só aprendemos quando descobrimos a ideia distinta e obscura que opera sob um conceito. “O claro e o distinto é a pretensão do conceito no mundo apolíneo da representação; mas, sob a representação, há sempre a Idéia e seu fundo distinto-obsuro, um ‘drama’ sob todo logos” (*Ibidem*, p. 139).

Com seu estilo atravessado por devires, repleto de afectos e preceptos, Deleuze e Guattari dão a ver também este fundo obscuro, invisível e indizível que influi como condição de dramatização. Procedimentos extrínsecos ao discurso argumentativo são empregados para dinamizar o pensamento, oferecendo signos diferenciais e não apenas objetos de reconhecimento. Longe do senso comum e do reconhecimento, as faculdades operando em disjunção pressentem no dissenso indícios do incompreensível, do inapreensível. O pensamento é incitado a avançar sobre seus limites, tentando abarcar o que a razão não explica. Todas as faculdades são levadas a confrontar seus limites, operando em disjunção, quando o indiscernível se faz sensível.

Esta abordagem estética revela recursos não propriamente racionais aplicados a fins filosóficos. Conforme afirmam Deleuze e Guattari, é preciso lançar a filosofia à não-filosofia, intensificá-la os devires.

A filosofia precisa de uma não-filosofia que a compreenda, ela precisa de uma compreensão não filosófica, como a arte precisa da não-arte e a ciência da não ciência. Elas não precisam de seu negativo como começo, nem como fim no qual seriam chamadas a desaparecer realizando-se, mas em cada instante de seu devir ou de seu desenvolvimento (DELEUZE; GUATTARI, 2010 p.257).

Neste contexto, recursos incomuns ao discurso filosófico se mostram propícios, pois favorecem modos de compreensão ligados à sensibilidade e à intuição. Mostram a sinergia entre

o sentido e o não-sentido. Conforme explica Lapoujade (2017 p.127), “A intuição é o foco de não sentido a partir do qual se distribui o sentido de tudo o que se diz.” Para engajar a intuição no pensamento, a estética se mostra fundamental, alargando as possibilidades dos textos filosóficos para além do racional. Como na frase: “Pensar é sempre seguir a linha de fuga do voo da bruxa” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 53).

Segundo Deleuze, esta experimentação de modos de expressão mais estéticos seria influência de Nietzsche: “A pesquisa de novos meios de expressão filosófica foi inaugurada por Nietzsche e deve prosseguir, hoje, relacionada à renovação de outras artes [...] (DELEUZE, 2021 p.16). Deleuze e Guattari atestam esta interação entre meios artísticos e filosóficos, afirmando que um pensador pode instaurar um novo plano de imanência e traçar uma nova imagem do pensamento, usando instâncias poéticas, pictóricas ou musicais ao invés de conceitos (DELEUZE; GUATTARI, 2010 p.81). O que corrobora com a impressão de que “Deleuze seria, para muitos, antes escritor do que filósofo” (MALUFE, 2012 p. 185). Esta impressão se faz possível porque "o plano de composição da arte e o plano de imanência da filosofia podem deslizar um no outro, a tal ponto que certas extensões de um sejam ocupadas por entidades do outro" (DELEUZE, GUATTARI, 2010 p.81). No caso de Deleuze e Guattari, os textos alcançam em muitos trechos uma potência tanto conceitual quanto poética.

O estilo da escrita experimental de Deleuze e Guattari

Os textos de Deleuze e Guattari parecem muitas vezes oferecer-se mais como blocos de sensações do que como discursos argumentativos, exposições racionais e lineares de explicações encadeadas. Ler Deleuze e Guattari não se resume a destrinchar significados, mas implica encadear-se em um fluxo intensivo de uma malha de relações que engaja também afectos, perceptos e devires. Como acontece em *Mil Platôs* de modo geral, e por exemplo nesta frase: “Os conceitos são o arquipélago ou a ossatura, antes uma coluna vertebral que um crânio, enquanto o plano é a respiração que banha essas tribos isoladas” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 46).

Deleuze e Guattari fazem uso de um estilo notável, experimental, forte, até mesmo impositivo. Se num primeiro momento um leitor iniciante pode sentir-se obrigado ao esforço de atravessar o eclético hermético do estilo, na tentativa de vencê-lo para poder perseguir os conceitos por entre pistas fugidias, em breve este leitor se vê sendo atropelado pelo estilo que lhe impulsiona o pensamento como numa avalanche. Até que o sentido do texto se instaura,

mais como um conjunto de relações do que por dados destacáveis. Uma atmosfera mais do que um objeto, insinuações mais do que demonstrações. Como por exemplo neste trecho:

Para nós, ao contrário, há tantos sexos quanto termos em simbiose, tantas diferenças quantos elementos intervindo num processo de contágio. Sabemos que entre um homem e uma mulher passam muitos seres, que vêm de outros mundos, trazidos pelo vento, que fazem rizoma em torno das raízes, e não se deixam compreender em termos de produção, mas apenas de devir (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 24).

Os conceitos deleuze-guattarianos não se apresentam por definições, mas por dinâmicas em funcionamento. A ênfase está posta na práxis, em nexos de interações mais que em identidades significativas. Como neste exemplo: “Devir não é ser, e Dioniso se torna filósofo, ao mesmo tempo que Nietzsche se torna Dioniso” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 80).

Muitos de seus conceitos apresentam-se inicialmente por impressões e sensações do que implicam, sem delimitar propriamente o que significam. Mais do que designar, explicar ou elucidar, parecem pretender promover a investigação. Demandam uma atenção à espreita. Parecem insinuar enigmas enunciados em termos e contextos próprios, que requerem do leitor uma abertura para além da reconhecimento. Como por exemplo:

Um agenciamento maquínico é direcionado para os estratos que fazem dele, sem dúvida, uma espécie de organismo, ou bem uma totalidade significante, ou bem uma determinação atribuível a um sujeito, mas ele não é menos direcionado para um corpo sem órgãos, que não para de desfazer o organismo, de fazer passar e circular partículas a-significantes, intensidades puras, e não para de atribuir-lhe os sujeitos aos quais não deixa se não um nome como rastro de uma intensidade (Ibidem, p. 12).

Deleuze sugere que “um livro de filosofia deve ser, por um lado, um tipo muito particular de romance policial e, por outro, uma espécie de ficção científica” (DELEUZE, 2021, p. 14-15). Parece assim sugerir que trata-se de descobrir não apenas o que não se sabe, mas mesmo o que nem sequer pode-se ainda imaginar. Alguns trechos parecem ilustrar o indiscernível, o indecível:

Nós o chamamos, portanto, plano de Natureza, embora a natureza não tenha nada a ver com isso, pois esse plano não faz diferença alguma entre o natural e o artificial. [...] É como para o princípio de contradição: podemos igualmente chamá-lo de não contradição. O plano de consistência poderia ser chamado de não consistência (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 58).

Não basta, com efeito, opor ser e seu esquecimento, o ser e seu retraimento, já que o que define a perda do ser é antes o esquecimento do esquecimento, o retraimento do retraimento, ao passo que o retraimento e o esquecimento constituem a maneira pela qual o ser se mostra ou pode mostrar-se (DELEUZE, 2011, p. 121).

E também estes trechos: “Tudo não é Estado, justamente porque houve Estado sempre e por toda a parte” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 119). “O sobretrabalho não é o que excede o trabalho, ao contrário, o trabalho é o que se deduz do sobretrabalho e o supõe” (Ibidem,

p.136). “A linguagem é feita para isso, para a tradução, não para a comunicação” (*Ibidem*, p. 119).

Os conceitos criados por Deleuze e Guattari demandam também termos novos, ou novos usos para termos conhecidos.

E de início os conceitos são e permanecem assinados: substância de Aristóteles, cogito de Descartes, mônada de Leibniz, condição de Kant, potência de Schelling, duração de Bergson... Mas também alguns exigem uma palavra extraordinária, às vezes bárbara ou chocante, que deve designá-los, ao passo que outros se contentam com uma palavra corrente muito comum, que se enche de harmônicos tão longínquos que podem passar despercebidos a um ouvido não filosófico. Alguns solicitam arcaísmos, outros neologismos, atravessados por exercícios etimológicos quase loucos: a etimologia como atletismo propriamente filosófico. Deve haver em cada caso uma estranha necessidade destas palavras e de sua escolha, como elemento do estilo. O batismo do conceito solicita um gosto propriamente filosófico que procede com violência ou com insinuação, e que constitui na língua uma língua da filosofia, não somente um vocabulário, mas uma sintaxe que atinge o sublime ou a grande beleza (*Ibidem*, p. 14).

Nesta língua da filosofia, também a estética impulsiona o pensamento. Considerando-se a concepção materialista da ideia apresentada por Deleuze (2006) no método da dramatização, e o estilo como impulsão do pensamento ao sublime, pode-se reconhecer duas abordagens da estética. Deleuze une os dois sentidos da estética, enquanto teoria da sensibilidade que aborda a forma da experiência possível e enquanto teoria da arte como instrumento de reflexão sobre a experiência real (SILVA, 2017 p.21). A intensidade é justamente o conceito que possibilita esta reunião, incitando a sensibilidade e o pensamento. Intensidade como diferença em si, potência do desigual, unidade mínima do Real, que engendra a sensibilidade e antecipa a percepção (*Ibidem*, p.23). A intensidade suscita a sensibilidade que desencadeará o pensamento.

Anitta Costa Malufe (2010) reconhece nos textos de Deleuze este investimento na estética, há neles “algo que extrapola a compreensão de uma ideia ou conceito (aquilo que se espera da leitura de um enunciado filosófico), e concede às palavras uma espécie de pulsação, de vivacidade, de plasticidade” (MALUFE, 2010, p. 35). Em muitos trechos os textos alcançam uma cadência, uma dinâmica entre ideias e imagens mais típica da literatura de ficção:

Os conceitos filosóficos são totalidades fragmentárias que não se ajustam umas às outras, já que suas bordas não coincidem. Eles nascem de lances de dados, não compõem um quebra-cabeças. E, todavia, eles ressoam, e a filosofia que os cria apresenta sempre um Todo poderoso, não fragmentado, mesmo se permanece aberto: Uno-Todo ilimitado, Omnitudo que os compreende a todos num só e mesmo plano. É uma mesa, um platô, uma taça. É um plano de consistência ou, mais exatamente, o plano de imanência dos conceitos, o planômeno (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 45).

Os conceitos ladrilham, ocupam ou povoam o plano, pedaço por pedaço, enquanto o próprio plano é o meio indivisível em que os conceitos se distribuem sem romper-lhe a integridade, a continuidade: eles ocupam sem contar (a cifra do conceito não é um número), ou se distribuem sem dividir. O plano é como um deserto que os conceitos povoam sem partilhar. São os conceitos mesmos que são as únicas regiões do plano, mas é o plano que é o único suporte dos conceitos. O plano não tem outras regiões senão as tribos que o povoam e nele se deslocam (*Ibidem*, p. 46-47).

Recursos de estilo promovem o pensamento por caminhos que não se restringem ao racional, induzindo a modos de compreensão que convocam também a sensibilidade e a intuição. Em *Crítica e clínica*, ao abordar a escrita na literatura de ficção, Deleuze enaltece experimentalismos de estilo capazes de desviar da reconhecimento, certas torções que fazem a língua delirar, gaguejar como se estivesse na iminência de tornar-se estrangeira. Um devir-outro da língua, uma minoração da língua maior, um delírio que foge ao sistema dominante tornando-se uma linguagem intensiva (Deleuze, 2011, p. 16) que não opera por códigos, significados para se interpretar, se comentar, se explicar, mas funciona num fluxo direto com o mundo. “Um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes. [...] Um livro existe apenas pelo fora e no fora” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.11-12).

Segundo Malufe, na escrita deleuziana a ordem da representação, que separa em planos paralelos palavras e corpos, linguagem e pensamento, expressão e conteúdo, significante e significado, é substituída pela ordem da produção (MALUFE, 2012 p. 188), por um funcionamento micrológico em que corpos e enunciados se misturam em um nível tão intrincado que se faz impossível qualquer distinção empírica (*Ibidem*, p.199). Por exemplo: “É de uma só vez que é preciso ler: o bicho-caça-às-cinco-horas” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 52).

Deleuze e Guattari dramatizam na escrita a dinâmica do desejo, em que fluxos se entrecortam, intermodulando-se, conjugando enunciados provindos das mais distintas redes de relações (MALUFE, 2012, p. 193 -194). O texto se produz de modo polifônico, tornando sensível o discurso indireto livre², tomado como uma operação capaz de extrapolar o campo

² “Lembremos: o discurso indireto livre é um recurso narrativo que consiste em reportar a fala de um personagem entremeadada na fala do narrador. Na narração em discurso indireto livre, o narrador não traduz em suas palavras a fala do personagem (discurso indireto), tampouco anuncia um “então ele disse”, seguido de dois pontos e aspas ou travessão, e transmite a fala do personagem tal qual teria se dado (discurso direto). Mas ele efetua um gênero híbrido, em que a sua narração incorpora o tom, o vocabulário, as emoções e intenções do personagem. Não uma simples tradução tampouco uma colagem da fala do outro, mas um meio do caminho entre esses polos. De modo que, entremeadas, as falas de quem narra e de quem é narrado intermodulam-se, mesclam-se – de modos mais ou menos complexos, mais ou menos intrincados, dependendo do escritor e de seu objetivo ao se valer do recurso” (MALUFE, 2012 p.194).

linguístico para implicar em uma cadeia heteróclita também corpos, fragmentos de coisas, afectos (*Ibidem*, p. 191; 2010, p. 45). O estilo de Deleuze e Guattari parece voltar-se diretamente ao campo de consistência, buscando ultrapassar em alguma medida o campo de organização, conseqüentemente revitalizando-o com outras lógicas, menos racionais e mais sensíveis.

Segundo Lapoujade (2017 p.143), para a filosofia da imanência de Deleuze e Guattari “o que importa são elementos assignificantes e seus acoplamentos”. Lapoujade é explícito: “só é considerado real o que não quer dizer nada, a pura produtividade maquínica do ser” (*Ibidem*, p. 143). Assim, é preciso pôr fim à autossuficiência da linguística que refuga para fora de sua jurisdição tudo que se apresenta como não sentido, para isso Deleuze e Guattari passam então a recorrer a semióticas que não mais se fundam sobre a significância. Lapoujade (*Ibidem*, p.143) reconhece por todo lado uma grande destruição do primado do sentido em proveito de um funcionalismo e de um pragmatismo generalizados. “Não há mais sentido, só há usos” (*Ibidem*, p.143).

Como notou Malufe (2010 p.36), o melhor uso que se pode fazer dos textos de Deleuze e Guattari é lê-los pela intensidade, com o corpo implicado, como numa ligação elétrica. Na intensidade do texto, por variações internas, modulações e bifurcações, emerge uma sintaxe que desestabiliza o senso comum. Cria-se uma tensão na língua que leva o pensamento a enfrentar o limite da linguagem. Por exemplo: “Ou, como para a trufa, uma árvore, uma mosca e um porco” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 24). Em via mútua, é o limite da linguagem que tensiona a língua em favor de seu potencial assintático e agramatical, que não está fora da linguagem, mas constitui sua margem exterior (DELEUZE, 2011, p. 9, 144-145). Como nesta expressão que extrapola a gramática em direção a uma fórmula: “A noção completa é de indifferen^{ci}ação” (DELEUZE, 2006, p. 139).

A linguagem se desdobra porque almeja o que lhe escapa, abre-se a uma deriva expansionista, direcionando o pensamento a ultrapassar o plano de organização para intuir o plano de consistência. Como nestes exemplos:

O rato e o homem não são absolutamente a mesma coisa, mas o Ser se diz dos dois num só e mesmo sentido, numa língua que não é mais a das palavras, numa matéria que não é mais a das formas, numa afectibilidade que não é mais a dos sujeitos (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 46).

E também: “A esse respeito o mundo inteiro é um ovo” (DELEUZE, 2006, p.132). “Um só Animal abstrato para todos os agenciamentos que o efetuam” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 42). E ainda:

Tanto que cada indivíduo é uma multiplicidade infinita, e a Natureza inteira uma multiplicidade de multiplicidades perfeitamente individuada. [...] O Uno se diz num

só e mesmo sentido de todo o múltiplo, o Ser se diz num só e mesmo sentido de tudo o que difere (*Ibidem*, p.41).

Os trechos acima buscam por modos díspares, articulando alusões variadas, enunciar o fora imperceptível entre as multiplicidades, do qual o Ser emerge permeando a diferenciação.

Margeando o limite informe, insinuando-se pelos interstícios da linguagem, o que escapa ao pensamento o nutre e o revitaliza. O que escapa ao pensamento é justamente o indiscernível, que pode no entanto ser intuído, ser sentido, ser percebido.

Segundo Zourabichvili (2020, p. 144), "Deleuze mostra que o sentido não se reduz à significação, visto que esta se reporta à designação de um estado de coisas concreto. A consistência do mundo está no afeto ou na sensação; em outras palavras ela está no acontecimento que torna distinto um estado de coisas." Nesta frase a seguir, por exemplo, busca-se abordar algo que se esquivava da definição:

Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37).

O afecto, ao colocar em perspectiva possibilidades heterogêneas de existência, mostra a verdade enquanto diferença ética, avaliação de modos imanentes de existência como afirmação de alternativas não excludentes (ZOURABICHVILI, 2020, p. 137). Para quem busca verdades finais capazes de configurar uma realidade única e objetiva, o mundo imanente aparece como uma imensa trapaça, tantas as indecisões impostas pela indiscernibilidade do real. Em detrimento de julgar a tudo segundo valores transcendentais, escamoteando diferenças proliferantes, se mostra mais efetiva a avaliação imanente: "a emergência do valor é inseparável de uma experiência, confunde-se com a experiência. (*Ibidem*, p.137-138)

Assim, o uso se impõe à interpretação, a experiência à explicação, a vida às verdades pressupostas. "O mundo não é nem verdadeiro nem real, mas vivo" (DELEUZE, 2018, p.233). A realidade da experiência que escapa ao discurso traz questionamentos importantes ao pensamento filosófico. Como Zourabichvili indica (2020 p. 137), trata-se de produzir na linguagem a indecisão própria da vida e do corpo, sustentar diferenças inexplicáveis entre alternativas indecidíveis.

Deleuze ressalta inclusive uma sinergia com o não verbal: "Os conceitos são inseparáveis dos afectos, ou seja, dos efeitos potentes que têm sobre nossa vida, e dos perceptos, ou seja de novas maneiras de ver ou de perceber que eles nos inspiram (DELEUZE apud MALUFE, 2010 p.36). "O afecto, o percepto e o conceito são três potências inseparáveis, potências que vão da arte à filosofia e vice versa" (DELEUZE, 2013 p. 175). Os textos de Deleuze e Guattari parecem articular-se nesta zona de intersecção, excedem a forma

argumentativa. “Problema de escrita: são absolutamente necessárias expressões anexatas para designar algo exatamente” (DELEUZE; GUATTARI, 1995 p. 32). Afirmam: “[...] o conceito não é discursivo, e a filosofia não é uma formação discursiva, porque não encadeia proposições. [...] O conceito não é, de forma alguma, uma proposição, não é proposicional [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2010 p.30-31). Reconhecem também um aspecto sensível e não racional do pensamento: “[...] o pensamento mesmo está por vezes mais próximo de um animal que morre do que de um homem vivo, mesmo democrata” (*Ibidem*, p.130).

Deleuze e Guattari afirmam que “se o pensamento procura, é menos à maneira de um homem que disporia de um método, que à maneira de um cão que pula desordenadamente...” (DELEUZE; GUATTARI, 2010 p.68). Esta mesma comparação com um farejar errante é retomada por Deleuze ao comentar o estilo, ou o método, adotado por Espinoza no livro V da *Ética*:

[...] as proposições e as demonstrações são atravessadas por hiatos tão violentos, comportam tantas elipses e contrações que os silogismos parecem substituídos por simples “entimemas”*. Quanto mais se lê o livro V, mais parece que esses traços não são imperfeições no exercício do método, nem maneiras de cortar caminho, porém convêm perfeitamente às essências, porquanto superam qualquer ordem de discursividade e de dedução. Não são simples procedimentos de fato, mas todo um procedimento de direito. [...] é um método de invenção que procede por intervalos e saltos, hiatos e contrações, à maneira de um cão que procura, mais do que de um homem racional que expõe. Talvez supere qualquer demonstração, pois opera no “indecidível”.

* Cf. Aristóteles, Primeiros analíticos, II, 27: o entimema é um silogismo em que uma ou outra premissa está subentendida, oculta, suprimida, elidida. Leibniz retoma a questão (*Nouveau essais*, I, cap.1, par. 4 e 19) e mostra que o hiato não se faz só na exposição, mas em nosso próprio pensamento, e que “a força da conclusão consiste em parte naquilo que se suprime.” (DELEUZE, 2011 p. 190)

Este comentário parece também descrever em grande medida as causas dos desconfortos de um leitor iniciante perante os textos de Deleuze e Guattari. Hiatos, elipses, contrações, torções parecem conduzir o leitor por entimemas. As premissas são suprimidas, as referências são pontuadas, mas não explanadas, as ligações ocultadas. A linearidade descartada, o foco pulverizado e a compreensão racional preterida. Entende-se por fluxo, não por argumentação. Nas palavras de Malufe (2010, p.46), “pela incorporação sensível, passo a passo, tal como se dá a apreensão de uma imagem, de uma música, de uma paisagem.” A exposição se dá por um jogo de imagens que, se encadeando, insinuam outra sintaxe. Um procedimento inventivo que almeja intensificar devires. Os elementos postos em relação não são fragmentos de um todo. Não se unificam, não se totalizam, estão em relações diferenciais, produzem uma intensidade transversal. Daí que a força da conclusão resida no que se suprime.

Segundo Zourabichvili (2020 p.147), “Uma filosofia é estilo tanto quanto uma obra romanesca ou um poema, isto é, não se aloja em uma ou várias proposições, mas nas fendas rítmicas que disjuntam as proposições ao mesmo tempo em que as ligam.” Como menciona Malufe (2010, p. 193), “o estilo se faz nessa possibilidade de criar novas ligações, que só surgem no fluxo de uma cadeia heteróclita, uma cadeia de rupturas, que encadeia múltiplas vozes mas também corpos das mais diferentes naturezas, uma cadeia mágica.” Buscando tornar sensível o plano de consistência que o discurso não consegue organizar, este método tenta superar a demonstração e a discursividade. Usa entimemas para abordar o indiscernível, por seus afectos.

Em *O que é a filosofia?*, Deleuze e Guattari (2010 p.63), afirmam que os grandes filósofos foram aqueles que pensaram de outra maneira e com isso mudaram o que significa pensar. Esta ênfase na práxis reafirma o valor da busca por novos modos de operatividade e portanto, também de enunciação. Ética e estética implicam-se mutuamente. Guattari (1992, p. 127-148), enfatizando as vantagens desta práxis experimentalista, propõe um paradigma ético-estético:

A potência estética de sentir, embora igual em direito às outras – potência de pensar filosoficamente, de conhecer cientificamente, de agir politicamente -, talvez esteja em vias de ocupar uma posição privilegiada no seio dos Agenciamentos coletivos de enunciação de nossa época.” (*Ibidem*, p. 130)

Ocupando uma posição transversal, a potência estética desempenha uma função chave em relação a outros universos de valor. Impulsiona a flexibilização de modelizações generalizantes, promove focos de re-singularização e de resistência, estimula territórios existenciais a se heterogeneizar (*Ibidem*, p.130-134).

Assumir os enunciados enquanto criação experimental é afirmar a possibilidade iminente de transformação social. Os processos de criação de novos territórios existenciais intensificam uma autonomia que liberta o desejo da captura capitalista, convocando a criatividade social a expropriar antigos enquadramentos ideológicos (*Ibidem*, p.136).

3 - Conclusão

O estilo nos textos de Deleuze e Guattari busca levar o pensamento à experimentação, alterar suas dinâmicas internas e externas. Flexibilizar os modos de pensar através de um novo vocabulário e de uma nova sintaxe para revitalizar a percepção e alargar os modos de compreensão. Como defende Guattari (*Ibidem*, p.127-148), fazer transitar as ciências humanas e sociais de paradigmas cientificistas para um novo paradigma ético-estético declaradamente experimental, para que os grupos sociais se reconheçam aptos a criar novos modos existenciais.

A experimentação de estilo visa alterar enquadramentos ideológicos que restringem o pensamento em favor de uma abordagem mais abrangente do real, que integre os códigos da razão a fluxos sensíveis. Põe em sinergia conceitos, afectos e perceptos. Por uma sintaxe incomum forma cadeias heteróclitas que tornam sensível a dinâmica dos devires e usam entimemas para abordar o indiscernível através de afectos. O objetivo mais do que explicar parece ser intensificar devires. Instaurando uma leitura por intensidade, induz os leitores a experimentar novas maneiras de pensar.

Visa dar vazão a um modo de pensar corporificado e acoplado ao mundo, um acontecimento em devir. Deleuze e Guattari o declaram explicitamente: “O estilo em filosofia tende para estes três polos: o conceito ou novas maneiras de pensar, o percepto ou novas maneiras de ver e ouvir, o afecto ou novas maneiras de sentir”. (DELEUZE apud MALUFE, 2010, p.36). Como assinalou Foucault (1997), contra supostos métodos corretos de pensar e de viver, o estilo de Deleuze e Guattari convoca o devir-revolucionário. Ao abandonar a organização que constrange o pensamento, Deleuze e Guattari buscaram desconstruir os efeitos de poder em seu próprio discurso. Apresentam suas ideias não apenas por conceitos, mas também por afectos e perceptos, para privilegiar a potência de transformação imanente ao desejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Tradução Luis Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

_____. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2a Edição. São Paulo: Ed. 34, 2011.

_____. *Nietzsche e a filosofia*. Traduzido por Mariana de Toledo Barbosa, Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: N-1 edições, 2018.

_____. *O método da dramatização*. Tradução Luiz B. Orlandi. In: DELEUZE, Gilles. A ilha deserta. São Paulo, Iluminuras, 2006. p.129-154

_____. *Sobre a filosofia*. Tradução de Peter Pál Pelbart. In: Conversações. 3a Edição. São Paulo: Ed. 34, 2013. p.173-198.

DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. 7000 A.C. Aparelho de captura in: *Mil Platôs* Vol.5. Tradução de Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997 p.111-177

_____. Devir-intenso, devir-animal in: *Mil Platôs* Vol.4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012. p.11 -120

_____. Introdução: Rizoma in: *Mil Platôs* Vol.1. Tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Editora 34, 1995. p.11-37

_____. *O Anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Luiz B. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. *O que é a filosofia?*. Traduzido por Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. 3ª edição. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

FOUCAULT, M. Introdução à vida não facista. in: Deleuze, G; Guattari, F. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/vidanaofascista.pdf> Acesso em 01 ago. 2022

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MALUFE, Anitta Costa. Aquém ou além das metáforas: a escrita poética na filosofia de Deleuze. In: *Revista de Letras*. São Paulo, v.52, n.2 p.185-204, jul/dez 2012.

_____. Deleuze e o estilo. In: *Artefilosofia*, Ouro Preto n. 9 p. 35-48, out. 2010

SILVA, Cíntia Vieira da. Intensidade e individuação: Deleuze e os dois sentidos de estética. In: *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba. V.29, n.46, p. 17-34 jan./abr. 2017 Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317027828_Intensidade_e_individuacao_Deleuze_e_os_dois_sentidos_de_estetica Acesso em 01 ago. 2022

SMITH, Daniel W. Deleuze's Theory of sensation: overcoming the kantian duality. In: Paul P.(ed.), *Deleuze: A Critical Reader*. New York: Blackwell. pp. 29-56 (1996) Disponível em: <https://philpapers.org/rec/SMIDTO-9> Acesso em 01 ago. 2022.

WILLIAMS, J. *Pós-estruturalismo*. Tradução de Caio Liudvik. Petrópolis: Vozes, 2013.

ZOURABICHVILI, F. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. São Paulo: Editora 34. 2020.